



AQUISIÇÃO DE INTERROGATIVAS *WH IN SITU* EM PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA PERSPECTIVA CARTOGRÁFICA

MATHEUS GOMES ALVES*

RESUMO

O objetivo deste trabalho é contribuir para os estudos do processo de aquisição de linguagem. O objetivo específico é investigar a ordem de produção das interrogativas *Wh in situ* em relação às interrogativas *Wh ex situ* em crianças adquirentes de português brasileiro. A metodologia consiste na análise longitudinal dos dados de fala semiespontânea de uma criança adquirente de português do Brasil, disponíveis no *corpus* online gratuito *Childes*. A hipótese deste trabalho, baseada em Sell (2002, p. 71), é a de que apenas haverá produção de interrogativas *Wh in situ* após a emergência do complementizador *que* na gramática infantil. Os resultados apontam que, de fato, só houve produção de supostas interrogativas *Wh in situ* após a aquisição do complementizador *que*. Contudo, aponta-se que essas supostas interrogativas *Wh in situ* poderiam ser analisadas na perspectiva de Bonan (2021), assumindo a existência de um movimento curto do elemento *Wh* até a periferia direita (BELLETTI, 2004).

Palavras-chave: interrogativas *Wh*, aquisição de linguagem, cartografia sintática

ABSTRACT

This squib is intended as a general contribution to the study of the language acquisition process. Specifically, it is aimed at analyzing the order of production of *Wh in situ* interrogatives when it comes to *Wh ex situ* interrogatives of a child who is acquiring Brazilian Portuguese (henceforth BP) as a native language. Its methodology consists of the longitudinal analysis of semi-spontaneous speech production of a child acquiring BP as a native language. It is hypothesized that *Wh in situ* interrogatives will only be produced by this child after the emergence of the complementizer *que* in their utterance, as suggested by Sell (2002, p. 71). It is argued that *Wh in situ* interrogatives are in fact to be produced after the acquisition of the complementizer *que* in BP. However, it is considered that these alleged *Wh in situ* interrogatives are to be analyzed in the lines of Bonan (2021), assuming that there would be short movement of the *Wh* element to the right periphery (BELLETTI, 2004).

Keywords: *Wh* interrogatives, language acquisition, syntactic cartography

* Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. Mestrando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ, e-mail: matheus.ling@letras.ufrj.br. Agradeço à FAPERJ pelo suporte no desenvolvimento desta pesquisa (processo 200.477/2021). Também agradeço aos pareceristas pela relevante contribuição para a versão final deste texto e para o amadurecimento desta pesquisa. As falhas remanescentes são de minha completa responsabilidade.

1 INTRODUÇÃO

Desde, pelo menos, Chomsky (1964), as interrogativas Wh têm se apresentado como um objeto de estudo fundamental para a compreensão dos diferentes tipos de movimentos sintáticos que podem ou não ocorrer nas línguas naturais. Dentre as principais propostas de análise das interrogativas Wh nas línguas naturais, sobressaem-se as de Huang (1982) e de Rizzi (1991). Em Huang (1982), assume-se que línguas diferem quanto ao tipo de movimento Wh desempenhado. Nesse contexto, enquanto, no chinês, efetuar-se-ia movimento coberto, que se aplicaria na forma lógica, do sintagma Wh, no inglês, haveria efetuação de movimento aberto do sintagma Wh, antes da passagem à forma lógica. Em Rizzi (1991), há a proposição do Critério Wh, segundo o qual: a) um operador Wh deve estar em configuração Spec-Núcleo com um núcleo +Wh e b) um núcleo +Wh deve estar em configuração Spec-Núcleo com um operador Wh. Rizzi (1991) compreende, assim, o elemento Wh como um operador, por se encontrar em posição de atribuição de escopo em Spec de CP.

Cheng (1991) propõe uma tipologia das línguas naturais em relação a esse fenômeno, dividindo-as em dois subtipos: línguas de Wh *in situ* e línguas de Wh *ex situ* (ou de Movimento Wh). Enquanto, nesse conjunto, encontram-se línguas que nunca deixariam sintagmas Wh em posição argumental, uma vez que realizariam movimento aberto para classificarem as sentenças como interrogativas; naquele conjunto, haveria línguas que necessariamente deixariam sintagmas Wh em posição argumental, sem realização de movimento A-barrado tais sintagmas. Sendo assim, à luz de tal proposta, o inglês seria uma língua Wh *ex situ*, que obrigatoriamente realizaria movimento de constituintes Wh à periferia esquerda, ao passo que o chinês seria uma língua de Wh *in situ*, em que não haveria movimento aberto de sintagmas Wh à periferia esquerda. Segundo Lopes-Rossi (1996), na gramática adulta de falantes nativos de português do Brasil, as interrogativas Wh *in situ* e as Wh *ex situ* são possíveis. Apresenta-se, assim, um aparente impasse entre a tipologia linguística binária de Cheng (1991) e a descrição de Lopes-Rossi (1996) acerca da possibilidade desses tipos de estrutura ocorrerem no PB.

Em relação ao estatuto do valor paramétrico do movimento Wh no português do Brasil (doravante PB), quatro propostas são especialmente relevantes: a) a marcação positiva, b) a marcação negativa, c) a dupla marcação e d) a não marcação. Na primeira proposta, assume-se que o parâmetro do movimento Wh em PB seria necessariamente marcado positivamente, uma vez que, nessa língua, Wh *in situ* ocorreria apenas em contexto de perguntas-eco, como no inglês (SIKANSI, 1999). Na segunda, entende-se que esse parâmetro em PB seria marcado negativamente por duas razões: a) o elemento Wh em PB não se comportaria como operador, mas como um quantificador (LOPES-ROSSI, 1996) e b) estruturas de Wh *ex situ*, na verdade, em PB, seriam derivadas de sentenças clivadas (KATO; RAPOSO, 1994). Na terceira, assume-se que tal parâmetro em PB seria duplamente marcado, pois, em um momento inicial de aquisição, haveria marcação do valor positivo a esse parâmetro e, posteriormente, por meio de certas pistas morfossintáticas (pronomes resumptivos foneticamente realizados ou nulos), ocorreria remarcação paramétrica, atribuindo valor negativo (GROLLA, 2000). Na quarta, compreende-se que esse parâmetro em PB não seria marcado, pois, na aquisição dessa língua, em um primeiro momento, a “criança só acessaria um C° com traço Wh forte por ser esta a forma mais comum de se fazer perguntas

Wh; mais tarde, com a entrada do complementizador 'que', ela passa então a acessar o C^o com traço Wh fraco" (SELL, 2002, p. 71).¹

O objetivo geral deste trabalho é contribuir para os estudos do processo de aquisição de linguagem. O objetivo específico é investigar a ordem de produção das interrogativas *Wh in situ* em relação às interrogativas *Wh ex situ* em crianças adquirentes de português brasileiro. A metodologia consiste na análise longitudinal dos dados de fala semiespontânea de uma criança adquirente de português do Brasil, disponíveis no *corpus online Childes*. A hipótese, baseada em Sell (2002, p. 71), é a de que apenas haverá produção de interrogativas *Wh in situ* após a emergência do complementizador *que* na gramática infantil.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nesta seção, considerações acerca do programa cartográfico e das periferias esquerda e "direita" serão feitas. Além disso, teorias referentes ao estatuto das interrogativas *Wh in situ* no português do Brasil na gramática adulta e na gramática infantil serão resenhadas. Por fim, uma proposta desenvolvida no âmbito do programa cartográfico para explicar a ocorrência das interrogativas *Wh in situ* em algumas línguas será apresentada.

2.1 O PROGRAMA CARTOGRÁFICO E AS PERIFERIAS ESQUERDA E "DIREITA"

Na segunda metade da década de 1990, uma nova proposta para se analisarem as categorias funcionais das línguas naturais foi aventada: o projeto cartográfico (RIZZI, 1997; CINQUE, 1999). De acordo com Cinque (2006, p. 3), tal projeto teve como objetivo "desenhar mapas tão detalhados quanto possíveis da estrutura funcional da sentença e de seus sintagmas" (tradução nossa).

Rizzi (1997) assume que o domínio do CP possa ser dividido e baseia-se, inicialmente, em uma distinção entre traços de força e traço de finitude para o fazer. O traço de força especifica o tipo de uma oração, ao passo que o traço de finitude se refere ao sistema flexional da sentença encaixada. Rizzi (1997) assume que tais traços envolvem núcleos funcionais distintos, uma vez que traduzem diferentes informações de uma sentença. Ao considerar o comportamento de complementizadores em italiano e em inglês, apresenta, ainda, uma distinção entre foco e tópico. Enquanto esse expressa, em uma sentença, uma informação já dada contextualmente, aquele salienta especial ênfase a um termo da sentença que não veicula uma informação dada. Um comentário é um tipo de predicado que se aplica, por exemplo, a um tópico, ao passo que uma pressuposição é um tipo de predicado que se

1 Como apontado por um dos pareceristas, a proposta de Rizzi (2015[2017]) contribui para essa discussão acerca da natureza dos parâmetros. No âmbito desta proposta, conjectura-se que os parâmetros não sejam mais vistos necessariamente, apenas, como possibilidades de realizações binárias. Por meio de evidências da cartografia sintática, entende-se que o léxico funcional é um campo rico, em que se especificam muitos parâmetros. Em Rizzi (2015[2017], p. 18, tradução nossa), tem-se que "o que é crítico para a restritividade do sistema é o formato, não o *locus* do parâmetro: e o formato é extremamente restritivo, pois as operações elementares que podem ser performadas em uma sintaxe minimalista são poucas".

aplica a um foco. Rizzi (1997) postula que, no domínio do CP, haja projeções dissociadas de força sentencial, de tópico, de foco e de finitude, referenciadas, respectivamente, como: ForceP, TopP, FocP e FinP. De acordo com Rizzi (1997), uma sentença pode possuir múltiplos tópicos, porém, um único foco.

Rizzi (2001), em sua análise dos complementizadores interrogativos *che* e *se* em italiano, aponta que esse pode ser precedido ou seguido por um tópico, ao passo que aquele pode, apenas, ser seguido por um tópico. Para explicar esse comportamento, Rizzi (2001) propõe um refinamento maior da camada do CP, por meio da adição de uma projeção IntP, a ser alocada abaixo da projeção TopP, que é dominada por ForceP e acima da projeção extra TopP, que domina FocP. Por mais que os complementizadores interrogativos *che* e *se*, em italiano, ocorram em sentenças encaixadas, isto é, em um CP não matriz, Rizzi (2001) assume que IntP esteja presente, também, em CPs matrizes, embora, como apontado, só o seja realizado fonologicamente em contexto de CP encaixados. No que concerne às projeções do CP encaixado, Rizzi (2001), constatando a incompatibilidade de ocorrência do foco com expressões Wh- em um CP matriz, propõe que, em sentenças encaixadas, haja uma projeção WhP, dominada pela projeção FocP, para alocar tais projeções.

Belletti (2004) propõe que uma estrutura acima do VP, identificada como “área baixa do IP”, tenha uma estrutura paralela à estrutura do CP, constituindo uma periferia à “direita” do IP. Os argumentos da autora para postulação de uma estrutura articulada ao sintagma verbal no espírito da proposta de Rizzi (1997) são: a) a possibilidade de inversão do sujeito em línguas com parâmetro do sujeito nulo, b) o fato de sujeitos pós-verbais seguirem advérbios baixos, c) a impossibilidade de extração de sujeitos pós-verbais em inversão livre e d) a interpretação de sujeitos pós-verbais como foco.

2.2 AS INTERROGATIVAS *WH IN SITU* DO PB NA GRAMÁTICA ADULTA E INFANTIL

Tradicionalmente, assume-se que, em PB, interrogativas *Wh in situ* e *ex situ* sejam possíveis de ocorrer. A possibilidade de uma língua contar quer com interrogativas *Wh in situ* quer *ex situ* parece desafiar as propostas de Huang (1982) e Cheng (1991), em relação às diferenças que as línguas podem apresentar no comportamento dessas interrogativas. Enquanto Huang (1982) admite que as línguas possam se diferenciar em decorrência do momento em que ocorreria o movimento Wh (pré-*Spell Out* ou na Forma Lógica), Cheng (1991) assume a existência de dois tipos de línguas: línguas de *Wh in situ* e línguas de movimento Wh. Cheng (1991) adota a ideia de que orações devem ser classificadas em estrutura S. Dessa forma, de acordo com Cheng (1991), para classificar uma oração como interrogativa, as línguas dispõem de duas opções: a) emprego de uma partícula Q em C^o ou b) Movimento Wh. Nessa proposta, línguas de *Wh in situ* teriam partículas Q, ao passo que línguas de *Wh ex situ* empregariam o Movimento Wh para caracterizar uma oração como interrogativa. A análise dos dados do PB, contudo, não parece, em um primeiro momento, corroborar essa proposta, uma vez que, nessa língua, embora não haja uma partícula Q², que marque uma

2 Como apontado por um dos pareceristas, convém explicar o porquê do complementizador *que* não ser uma partícula Q. Sabe-se que o complementizador *que*, possível em PB, não se comporta exclusivamente como

interrogação, *Wh in situ* é possível e convive com *Wh ex situ*, promovido por movimento *Wh*³. Para descrever o estatuto de marcação do parâmetro do Movimento *Wh* em PB, diferentes propostas foram apresentadas, como observa a seguir.

QUADRO 1 – PROPOSTAS DE MARCAÇÃO DO PARÂMETRO *WH* EM PB

Marcação Positiva	Marcação Negativa	Dupla Marcação	Não Marcação
Sikansi (1999)	Lopes-Rossi (1996), Kato e Raposo (1994)	Grolla (2000)	Sell (2002)

Fonte: elaborado pelo autor.

Sikansi (1999) considera que o valor paramétrico do Movimento *Wh* em PB seja positivo. Segundo a autora, embora *Wh in situ* seja possível em PB, interrogativas desse tipo se aproximam de perguntas-eco, isto é, de perguntas em que é pressuposto que o falante possui conhecimento para atribuir valor ao elemento interrogativo. A autora assume que, como não existe partícula *Q* em PB, esse parâmetro nessa língua seja marcado positivamente. Seria, então, o local de pouso do *Wh* deslocado uma categoria focal entre IP e CP. Na aquisição do PB, haveria aquisição tardia de *Wh in situ* pelo fato de que a criança só, posteriormente, seria exposta ao contexto de pergunta-eco, uma vez que, inicialmente, essa só selecionaria os contextos condizentes à escolha paramétrica de [+Movimento *Wh*]. A aquisição de *Wh in situ* estaria relacionada a restrições semântico-pragmáticas.

Lopes-Rossi (1996) aponta que o valor paramétrico do Movimento *Wh* em PB seja negativo. A autora aponta que o elemento *Wh*, em PB, seria um quantificador, que, diferentemente de um operador, não seria alvo de uma operação de movimento, mas de uma operação de alçamento. Assumindo a especificação do mesmo valor negativo a esse parâmetro em PB, Kato e Raposo (1994) apontam que estruturas com aparente *Wh ex situ* seriam, na verdade, derivadas de orações clivadas (*Foi quem que me deu o CD?*), por meio de operações de alçamento aberto de foco para Spec, FocP da matriz, regra de apagamento de cópula e apagamento do *que*, para derivar uma sentença como: *Quem me deu o CD?*

Grolla (2000) admite que haja marcação dupla para o valor do parâmetro Movimento *Wh* em PB. Analisando o processo de aquisição de estruturas de interrogativas *Wh in situ* em PB, a autora aponta que, inicialmente, a criança marcaria positivamente o parâmetro Movimento *Wh*, produzindo, em um primeiro estágio, apenas interrogativas com *Wh ex situ*. Após a aquisição de um pronome resumptivo especial presente em topicalizações “à brasileira”, a criança passaria a produzir interrogativas com *Wh in situ*. Haveria, assim, uma mudança na especificação do valor desse parâmetro, pois esse ganharia uma especificação negativa.

um marcador de pergunta, não ocorrendo, necessariamente, em distribuição complementar com a opção de movimento sintático para classificar uma oração em estrutura S (CHENG, 1991).

3 Como apontado por um dos pareceristas, é possível a interpretação de *que*, frente a dados como *Quem que você viu na festa?* e *Quando que o João chegou?*, em que o termo em destaque se apresenta como um complementizador, haja fortalecimento da hipótese de Kato e Raposo (1994), referente à assunção de *que* estruturas de *Wh ex situ* no PB seriam derivadas de sentenças clivadas. Salienta-se, ainda, que dados como esses se conectam à hipótese aventada por Hornstein, Nunes e Grohmann (2001), referente à assunção de *que* haveria uma opcionalidade ilusória entre as interrogativas *Wh ex situ* e *Wh in situ* no PB.

Hornstein, Nunes e Grohmann (2001) apontam que, em PB, haveria dois núcleos matrizes interrogativos nulos: um com o traço Wh forte e outro com o fraco. Haveria uma opcionalidade ilusória entre as interrogativas Wh *ex situ* e Wh *in situ* em PB, pois cada uma dessas possibilidades estaria relacionada a um núcleo C distinto. Os autores afirmam que o elemento Wh teria traço forte nos seguintes contextos: a) sentenças com complementizador *que* realizado, b) sentenças com complementizador interrogativo encaixado nulo ou realizado, c) sentenças com elemento Wh não ligado discursivamente (não *D-linked*) e d) sentenças com interrogativas encaixadas em que não haja ilha sintática a ser cruzada.

Sell (2002) considera que não haveria marcação positiva nem negativa do parâmetro do Movimento Wh em PB. Entende-se que a criança, em um primeiro momento, acessaria um núcleo C com um traço Wh forte, engatilhando uma operação de movimento, por denotar a forma mais comum, no *input* apresentado à criança, de se fazer pergunta. Apenas após a aquisição do complementizador *que*, a criança passaria a acessar o núcleo C com um traço Wh fraco, realizando, assim, interrogativas Wh *in situ*. Tal proposta, embora pareça interessante em um primeiro momento, carece de evidências diretas em estudos de aquisição. Há uma lacuna a ser preenchida neste trabalho, uma vez que, ainda, não foi encontrada uma relação de causalidade direta entre a aquisição do complementizador *que* e a produção de interrogativas Wh *in situ*.

Bonan (2021), analisando o trevisano e algumas línguas asiáticas, como o chinês, afirma que há uma relação de similaridade entre esses idiomas em relação ao comportamento de elementos Wh *in situ*. A autora aponta que, nessas duas línguas, pode haver um movimento curto do elemento Wh em direção à periferia direita, ou, como a autora aponta, à *Low Left Periphery* (periferia esquerda baixa). Sendo assim, o trevisano e o chinês licenciariam, na verdade, interrogativas de aparente Wh *in situ*, uma vez que o elemento Wh não ficaria preso na posição em que foi soldado, mas, na verdade, mover-se-ia a uma projeção da periferia direita. A autora considera ainda que, talvez, o que interaja com o elemento Wh focal não seja apenas uma projeção de foco, mas um inteiro campo focal internamente estruturado. É relevante afirmar que, para a autora, a opção de emprego real de uma interrogativa Wh *in situ* em trevisano estaria relacionada a contextos de veiculação de perguntas-eco. Neste trabalho, tal proposta é estendida aos dados de português do Brasil, em uma tentativa de justificar, assim, a aparente permissibilidade de ocorrência de Wh *in situ* e Wh *ex situ*.

3 METODOLOGIA

Empregou-se como metodologia a análise longitudinal dos dados de fala semiespontânea de uma criança adquirente de português do Brasil, disponíveis no *corpus online* gratuito *Childes*. A hipótese deste trabalho é a de que apenas haverá produção de interrogativas Wh *in situ* após a emergência do complementizador *que* na fala dessa criança (SELL, 2002). O *corpus* analisado é o Florianópolis *Corpus*, compilado em Sciar-Cabral (1974). A coleta dos dados referentes à fala semiespontânea da criança adquirente de PB começou aos onze meses e se estendeu até os dois anos e dois meses. Assim, como tal *corpus*

compreende uma fase mais inicial da aquisição e se estende até o momento crítico da estrutura sob análise, considerou-se que, para os fins deste trabalho, esse *corpus* seria o mais interessante. Mais informações acerca das características da criança podem ser observadas no quadro a seguir.

QUADRO 2 – CARACTERÍSTICAS DA CRIANÇA NO CORPUS

Identificação	Faixa etária	Gênero	Localização	Classe
P.	0.11 – 2.02	Masculino	São Paulo	Média Alta

Fonte: adaptado de Scliar-Cabral (1974).

Os procedimentos de separação e análise de dados foram os seguintes: 1) identificação de ocorrências de *Wh in situ* e *Wh ex situ* na fala da criança, 2) separação dessas ocorrências de acordo com o momento em que foram produzidas, 3) identificação do momento em que o complementizador *que* foi produzido e 4) análise do momento da produção do complementizador e da produção de interrogativas *Wh in situ*. Salienta-se, ainda, que ocorrências dessas estruturas em contexto de cópia direta e imediata da fala adulta são descartadas, uma vez que se objetiva investigar ocorrências que sejam, de fato, produzidas autonomamente pela criança sob escrutínio. São descartadas, também, ocorrências de reiterações da mesma fala efetuadas pela criança.

4 RESULTADOS E ANÁLISE

Os resultados da análise de *corpus* serão apresentados levando em consideração três períodos etários: um ano e oito meses, um ano e dez meses e dois anos e dois meses. Aponta-se que o *corpus* já é previamente separado de acordo com esses períodos, por imperativos de Scliar-Cabral (1974). Para cada período etário, são separadas ocorrências de *Wh ex situ* e de *Wh in situ* nos dados sob escrutínio. É relevante apontar que as porcentagens referentes à frequência das ocorrências foram aproximadas, usando-se o critério das casas decimais maiores ou menores do que 0,5. Os resultados dessa breve análise podem ser observados a seguir.

QUADRO 3 – OCORRÊNCIAS DE WH EX SITU E WH IN SITU

Período de Idade	<i>Wh ex situ</i>		<i>Wh in situ</i>
	Com complementizador <i>que</i>	Sem complementizador <i>que</i>	
1 ano e 8 meses	0 (0%)	2 (100%)	0 (0%)
1 ano e 10 meses	2 (7%)	38 (93%)	0 (0%)
2 anos e 2 meses	11 (15%)	59 (82%)	2 (3%)

Fonte: elaborado pelo autor.

De forma genérica, observa-se que, no primeiro período (1 ano e 8 meses), houve apenas duas realizações de interrogativas *Wh ex situ*, sem a ocorrência do complementizador *que*. No segundo período (1 ano e 10 meses), houve quarenta ocorrências interrogativas *Wh ex situ*, sendo duas com o complementizador *que* e trinta e oito sem o complementizador *que*.

Nesse segundo período, pela primeira vez, houve produção de interrogativas *Wh ex situ* com complementizador *que*. No terceiro período (2 anos e 2 meses), houve produção de setenta ocorrências de interrogativas *Wh ex situ*, sendo onze com o complementizador *que* e cinquenta e nove sem esse complementizador. Observa-se que houve produção de duas ocorrências com interrogativas *Wh in situ* neste último período.

QUADRO 4 – EXEMPLOS DE OCORRÊNCIAS DE WH EX SITU E IN SITU

Período de idade	Wh ex situ		Wh in situ
	Com complementizador <i>que</i>	Sem complementizador <i>que</i>	
1 ano e 8 meses	-	Cadê ⁴ máquina? Quem é?	-
1 ano e 10 meses	Mas onde é que tá? Onde que tá o botão?	Que é isso? Onde tá o botão?	Sabão de Paião cadê? ⁵
2 anos e 2 meses	Que que é isso? Como é que se chama?	Quem chegou? Onde está minha cueca?	Está onde ? Fechou por quê ? ⁶

Fonte: elaborado pelo autor.

Em relação ao primeiro período, observa-se que construções de interrogativas *Wh ex situ* sem complementizador *que* foram produzidas. Entende-se que, de fato, houve efetuação de uma operação de movimento do elemento *Wh* até a periferia esquerda, o que apontaria para uma escolha de atribuição de valor positivo ao parâmetro do Movimento *Wh*. Não foram encontradas realizações de *Wh in situ* e de *Wh ex situ* com complementizador. No segundo período, foram encontradas ocorrências de *Wh ex situ* com complementizador *que*, sinalizando o período em que tal complementizador é adquirido. Também foi encontrada uma “aparente” ocorrência de *Wh in situ*. Contudo, sobre essa aparente ocorrência, é importante salientar que, talvez, *sabão de Paião cadê?* seja, na verdade, produto de um processo de topicalização da expressão *sabão de Paião*, que esteja a ocorrer na periferia esquerda, dando a impressão de existência de *Wh in situ*, não se apresentando, assim, como um dado robusto para a análise. No terceiro período, ocorrências de *Wh in situ* foram encontradas com mais frequência e em contextos diferentes da “aparente” primeira realização no período passado.

Sobre essas realizações encontradas de *Wh in situ*, duas considerações são tecidas: a) os elementos *Wh* (*onde* e *por quê*) parecem seguir advérbios baixos na gramática adulta de PB e b) esses elementos parecem licenciar uma prosódia de foco e não uma prosódia neutra.

4 Considerado como interrogativa com elemento *Wh* pelas razões apontadas em Sikansi (1999).

5 Tal ocorrência não foi considerada na análise por se tratar, provavelmente, de um contexto de aparente topicalização de *sabão de Paião*. Não parece ser possível se empregar nessa sentença uma prosódia natural, não marcada, que seria natural de interrogativas *Wh in situ*.

6 Como apontado por um dos pareceristas, em uma análise maturacional, segundo a qual a maturação das categorias sintáticas acompanha a altura em que a categoria é realizada, seria igualmente possível pensar que a interrogativa *Wh in situ* envolveria, na verdade, algum tipo de movimento para a periferia esquerda, seguido por movimento remanescente dos constituintes. Embora essa proposta não seja explorada neste *squib*, intenciona-se testá-la em uma próxima investigação, por meio da análise de um *corpus* maior e de um teste de repetição.

Empregando como teste a ordem de linearização de alguns advérbios cinquenianos baixos (CINQUE, 1999; 2006) e até mesmo de advérbios de cunho mais lexical, têm-se os contextos:

- (1) a. ?Está quase **onde**?
b. *Está **onde** quase?
- (2) a. Fechou complemento **por quê**?
b. *Fechou **por que** completamente?
- (3) a. ?Está brevemente **onde**?
b. *Está **onde** brevemente?
- (4) a. Fechou subitamente **por quê**?
b. *Fechou **por que** subitamente?
- (5) a. Fechou por 20 minutos **por quê**?
b. ?Fechou **por que** por 20 minutos?

Além disso, entende-se que, talvez, esses elementos *Wh* encontrados licenciem uma prosódia de foco. Imaginemos uma situação em que um falante A receba uma ligação de um falante B, e A informa B: Estou em Campinas. B, espantado por saber que A está em outra cidade, diferente da que A havia informado, pergunta: Está ONDE? Talvez, esse *onde* carregue alguma informação de foco (contrastivo, mirativo ou informacional). A mesma possibilidade parece ser licenciada no contexto do emprego do elemento *por quê*, em *fechou por quê*?. Aponta-se que, talvez, no PB, algumas ocorrências *Wh in situ* não sejam, de fato, ocorrências em que o elemento *Wh* esteja preso realmente na posição de soldagem, mas ocorrências em que haja um movimento curto endereçado até a periferia “direita”, como depreendido também de Kato (2004)⁷. Talvez haja aquisição tardia desse tipo de interrogativa pela possibilidade de que só após a aquisição do complementizador *que*, o qual, segundo Hornstein, Nunes e Grohmann (2001), engatilha movimento longo *Wh*, a criança perceba que, em sua ausência, seja possível efetuar um movimento curto à periferia “direita”.

Como apontado por um dos pareceristas, é necessário explicar como a produção do *Wh in situ* se justifica apenas pela aquisição do complementizador. Em uma análise inicial, os resultados encontrados parecem fortalecer a proposta de Sell (2002), segundo a qual apenas após a aquisição de um complementizador a criança teria acesso a um núcleo C com *Wh* fraco. Uma outra possibilidade seria cogitar a ideia de que, apenas após a aquisição de um complementizador, de fato, fonologicamente realizado, seria possível *Wh in situ*, não

⁷ Como apontado por um dos pareceristas, apresenta-se como válida a interpretação de que, talvez, alguns desses advérbios quantitativos possam subir em algumas variedades românicas até a periferia esquerda. Além disso, a julgar por Tescari Neto (2013), é possível a interpretação de que o advérbio *quase* poderia se mover até a periferia esquerda no PB.

descartando a possibilidade de haver, anteriormente a essa fase, um complementizador em silêncio (KAYNE, 2005). Uma outra possibilidade para explicar a ocorrência do movimento curto até a *Low Left Periphery* seria a ideia de que o sintagma Wh apresentaria um traço Wh ou um traço de foco, os quais seriam ativados alternadamente, em um dado momento da aquisição, a depender da aquisição de outro elementos. Contudo, considera-se que, antes de se adotar essa interpretação ou qualquer outra possível, seja necessário aumentar a amostra desta pesquisa, analisando um número maior de dados de fala semiespontânea de crianças adquirentes de PB.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hipótese deste trabalho foi a de que haveria produção de interrogativas *Wh in situ* após a emergência do complementizador *que* na fala dessa criança (SELL, 2002). A partir dos resultados encontrados, aponta-se que a hipótese apresentada não pôde ser completamente refutada. Cogitou-se que essas supostas interrogativas *Wh in situ* poderiam ser analisadas na perspectiva de Bonan (2021), assumindo a existência de um movimento curto do elemento Wh até a periferia direita (BELLETTI, 2004). Os próximos passos desta pesquisa são: a) analisar um *corpus* maior com dados de fala semiespontânea de crianças adquirentes de PB, b) aplicar um teste de repetição em sentenças com “suposto” *Wh in situ* em crianças e adultos falantes de PB e c) observar se existe alguma relação entre a ordem de aquisição do complementizador *que* e, conseqüentemente, de *Wh in situ* e a perda de tais categorias em indivíduos com comprometimento linguístico.

REFERÊNCIAS

BELLETTI, Adriana. Aspects of the Low IP Area. In: RIZZI, L. (ed.). *The Structure of IP and CP: The Cartography of Syntactic Structures*, v. 2. New York: Oxford University Press, 2004.

BONAN, Caterina. From northern Italian to Asian Wh-“in situ”: A theory of low focus movement. *Isogloss. Open Journal of Romance Linguistics*, v. 7, p. 1-59, 2021.

CHENG, Lisa L.-S. *On the typology of wh-questions*. Doctoral dissertation, MIT. Published 1997, Garland, New York, 1991.

CHOMSKY, Noam. Current Issues in Linguistic Theory. In: FODOR, J.; KATZ, J. (ed.). *The Structure of Language: Readings in the Philosophy of Language*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1964. p. 50-118.

CINQUE, Guglielmo. *Adverbs and Functional Heads: A Cross-Linguistic Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

CINQUE, Guglielmo. *Restructuring and functional heads: the cartography of syntactic structures*, volume 4. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GROLLA, Elaine. *A aquisição da periferia esquerda da sentença em Português Brasileiro*. Dissertação (Mestrado) – Unicamp, Campinas, 2000.

HUANG, C. T. James. Move WH in a language without WH movement. *The Linguistic Review*, v. 1, n. 4, p. 369-416, 1982.

HORNSTEIN, Norbert; NUNES, Jairo; GROHMANN, Kleanthes K. *Understanding minimalism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

KATO, Mary; RAPOSO, Eduardo. European and Brazilian Portuguese Word Order: Questions, Focus and Topic Constructions. Trabalho apresentado no *Linguistic Symposium on Romance Languages*, XXIV. 1994.

KATO, Mary. Two types of wh-in-situ in Brazilian Portuguese. Georgetown Round-Table in Languages and Linguistics. Washington D.C., 2004.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. *A Sintaxe Diacrônica das Interrogativas-Q do Português*. Tese (Doutorado) – Unicamp, Campinas, 1996.

RIZZI, Luigi. Residual V-second and the Wh-criterion. *Technical Reports in Formal and Computational Linguistics*, 2, Université de Genève. 1991.

RIZZI, Luigi. The Fine Structure of the Left Periphery. In: HAEGEMAN, L. (ed.). *Elements of Grammar: A Handbook in Generative Syntax*. Dordrecht: Kluwer, 1997. p. 281-337.

RIZZI, Luigi. Relativized minimality effects. In: BALTIN, M.; COLLINS, C. (ed.). *The handbook of contemporary syntactic theory*. New Jersey: Wiley-Blackwell, 2001. p. 89-110.

RIZZI, Luigi. On the Form of Chains: Criterial Positions and ECP Effects. *In: CHENG, L.; CORVER, N. (ed.). Wh-Movement: Moving on. Cambridge: MIT Press, 2006. p. 97-133.*

RIZZI, Luigi. On the format and locus of parameters: the role of morphosyntactic features. *Linguistic Analysis*, v. 41, n. 3, p. 159-191, 2017.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. *Introdução à lingüística*. Porto Alegre, RS: Globo, 1974.

SELL, Fabiola Sucupira Ferreira. A aquisição das interrogativas WH "in situ" em PB. *Working papers em Linguística*, v. 6, n. 1, p. 55-76, 2002.

SIKANSI, Nilmara Soares. As interrogativas-Q na gramática infantil do PB. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v. 36, p. 85-103, 1999.

TESCARI NETO, A. *On verb movement in Brazilian Portuguese: A cartographic study*. PhD Thesis, Università Ca'Foscari, Venice, 2013.

Squib recebido em 7 de outubro de 2021.

Squib aceito em 5 de janeiro de 2022.